



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

DAIANE MENESES RODRIGUES (BAGÉ)

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

Número da entrevista: E-440

Entrevistada: Daiane Menezes Rodrigues

Local da entrevista: Centro Olímpico (São Paulo)

Entrevistadoras: Caitlin Davis Fisher e Nadja Marin

Data da entrevista: maio de 2014

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Data da autorização para publicação no Repositório: 09/07/2014

Total de gravação: 1 hora 10 minutos e 10 segundos

Páginas Digitadas: 12 páginas

Observações:

Entrevista realizada pelo coletivo Guerreiras Project com o objetivo de gerar a produção de um vídeo sobre futebol e mulheres no Brasil.

<p>O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.</p>

Sumário

Ingresso no futebol feminino; Apoio recebido pela família; Trajetória no futebol: times e campeonatos; Passado e as novas perspectivas para o futebol feminino; Preconceito; Fonte de renda fora do futebol; Planos após a aposentadoria no esporte; Episódios de orgulho vivenciados no mundo do esporte.

D.R. – Bom, meu nome é Daiane Menezes Rodrigues, sou mais conhecida dentro do futebol feminino como “Bagé”, peguei esse apelido desde que comecei a jogar futebol, porque saí de casa e minhas amigas me apelidaram pela minha cidade. Hoje eu tenho 31 anos, já estou praticamente há 13 anos, por aí mais ou menos, dentro do futebol feminino. Comecei, Graças a Deus, com incentivo dos meus pais, sei que a maioria das meninas tiveram a dificuldade de não ter isso aqui no Brasil. Mas eu, Graças a Deus, sempre tive o apoio, não tinha estrutura financeira, mas sempre os meus pais me apoiaram. Às vezes pediam dinheiro emprestado, às vezes meu avô me dava uma chuteira, me dava um tênis. Então, a maioria das nossas histórias dentro do futebol feminino são mais ou menos parecidas assim, não é? Mas eu, Graças a Deus, tive uma família que me apoiou sempre, minha mãe sempre me incentivou, meu pai também. Todos os meus irmãos jogavam, mas a única que continua no esporte fui eu mesmo. Comecei no Rio Grande do Sul, sou do Rio Grande do Sul, sou gaúcha, comecei em 1998/1999, já comecei meio tarde como a gente fala no futebol, já comecei com 17/18 anos, mas minha carreira sempre Deus me proporcionou coisas boas, não tenho muito do que reclamar, não. Logo que apareci no futebol alguns clubes me convidaram para jogar, eu fui participar a primeira vez por um clube grande que foi o “Grêmio Porto-alegrense”¹, não é? Então ali já tive minha primeira convocação para seleção de base. Então foi tudo muito rápido, Graças a Deus, porque querendo ou não hoje no Rio Grande do Sul, além da maioria dos estados no Brasil não ter estrutura para o futebol feminino, o Rio Grande do Sul está dentro de um desses. E eu, Graças à Deus, quando apareceu a oportunidade, eu peguei e então logo o futebol feminino realmente sumiu no Rio Grande do Sul. Hoje, pouquíssimos times que tem, times de camisa são pouquíssimos.

M.N. – Já era campo então?

D.R. – Já, já era campo. Mas eu comecei mesmo com futsal na escola. Meu professor, Graças a Deus – eu falo muito assim de Deus porque sempre tenho muito isso assim comigo, porque sempre tive muita dificuldade, só que minha carreira foi muito rápida, não é? Logo que eu tive as oportunidades já foi direto para a seleção de base e, logo em seguida, no mesmo ano, para seleção principal com 19 anos. Então foi rápido, mas foi tudo

certinho. E eu comecei lá no Rio Grande do Sul, depois tive uma passagem pelo Grêmio, dois anos, foi onde apareceu a oportunidade para ir para a Seleção Brasileira. De 2002, praticamente, para cá eu tenho vários anos na Seleção Brasileira, várias competições: Pan-americano², Sul-americano³, Mundial⁴, Olimpíadas⁵, Graças a Deus. Então foi tudo muito rápido, passei pelo Grêmio, passei pelo São Bernardo⁶, em São Paulo, onde o futebol feminino aqui no Brasil é muito convite, principalmente das jogadoras, não é? Onde a Cris, Cristiane⁷ me convidou, na época, para jogar em São Bernardo, e eu optei por vir para São Paulo, minha mãe ficou doida, ficou apavorada, desesperada porque eu estava saindo lá do Rio Grande do Sul para jogar em São Paulo onde não conhecia nada. Depois de São Paulo eu fiquei três ou quatro anos em São Bernardo, depois fui para Botucatu⁸ também, três anos, e hoje em São José dos Campos⁹. Então minhas passagens pelos clubes que eu tive foram longas, não é? Nunca estive em um clube um ano ou seis meses, eu sempre tive bastante tempo nos clubes. E hoje eu jogo atualmente no São José, e Graças a Deus tem uma estrutura boa, longe do ideal que a gente espera para o futebol feminino, mas tem uma estrutura boa que a gente consegue se manter no futebol feminino em São José dos Campos. Acho que isso é uma coisa importante. Acho que a Secretaria de Esportes dá uma estrutura boa pra gente junto com nosso patrocinador, então, acho que isso é uma coisa importante para o futebol feminino.

M.N. – E o seu primeiro Mundial ou primeira Olimpíada foi em que ano?

D.R. – Meu primeiro Mundial foi em 2007, na China, nós ficamos com o Vice-campeonato, perdemos para Alemanha na final (2X0). E as Olimpíadas foi em Londres em 2012, que nós saímos nas quartas de finais, eu acho, se não me engano nós fomos até as quartas, fomos eliminadas pelo Japão.

¹ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

² Jogos Pan-americanos.

³ Campeonato Sul-Americano de Futebol Feminino.

⁴ Copa do Mundo de Futebol Feminino.

⁵ Jogos Olímpicos.

⁶ São Bernardo Futebol Clube.

⁷ Cristiane Rozeira de Souza Silva.

⁸ Botucatu Futebol Clube.

⁹ São José Esporte Clube.

C.F. – Você falou que já está há mais ou menos treze anos no futebol feminino, qual é sua perspectiva, olhando atrás no futebol feminino sobre o crescimento da modalidade e sua expectativa para o futuro?

D.R. – Olha, a gente dentro do futebol feminino sempre tem que ter esperança que as coisas melhorem, não é? Teve uma época atrás onde eu vi as meninas jogar na televisão, que elas tiveram uma boa estrutura, no tempo da Sissi¹⁰, da Pretinha¹¹ onde existiam clubes grandes de camisa, não é? [Telefone da entrevistada toca]

D.R. – A esperança a gente sempre tem... A esperança que o futebol feminino vai crescer no Brasil, não é? E há tempos atrás quando eu assistia as meninas na televisão, aquela época foi uma época boa onde existiam clubes de camisa investindo no futebol feminino: Corinthians¹², Portuguesa¹³, São Paulo¹⁴, Fluminense¹⁵. E depois dali meio que deu uma caída, não é? Hoje o futebol feminino se estruturou um pouquinho, porém ele ainda está abaixo do que pode ser. Eu acho que principalmente faltam pessoas que acreditem mais no futebol feminino, falta de pessoas que queiram vir realmente para futebol feminino, acreditando que tem uma luz no fim do túnel. Eu acho que isso é o ponto mais importante assim para futebol feminino, pessoas que acreditem em nós e na modalidade, não é? Mas a gente no futebol feminino sempre tem a esperança que um dia vá melhorar mesmo, talvez não seja pra minha geração, mas pra gerações futuras, não é? Então a gente dentro do futebol feminino a gente sempre, até porque a gente luta muito pela modalidade, a gente passa por tanta coisa dentro da modalidade que a gente sempre vai ter a esperança que coisas boas virão aí na frente.

N.M. – O que é pra você essa melhora? É por exemplo, é trabalho pra todo mundo, salários melhores, estrutura? Fala um pouquinho o que para você é essa mudança?

D.R. – Estrutura, uma estrutura boa, uma estrutura. Eu sei porque assim, quando nós vamos participar pela seleção em relação a Sul-americano, nem Sul-americano não digo

¹⁰ Sisleide do Amor Lima.

¹¹ Delma Gonçalves.

¹² Sport Club Corinthians Paulista

¹³ Associação Portuguesa de Desportos.

¹⁴ São Paulo Futebol Clube

tanto, mas Mundial e Olimpíadas a gente vê a estrutura que é fora do Brasil, não é? E a gente vê a estrutura que o masculino tem aqui no Brasil, acho que se a gente tivesse um terço pelo menos do que eles têm aqui, as coisas andariam melhor pro futebol feminino, não é? Eu acho que essa estrutura que eu falo é lógico que... É campos melhores, vestiários melhores... Eu acho que o pessoal que trabalha com a gente respeitar o futebol feminino da maneira que merece ser respeitado, não só vir pra dentro do campo nos colocar lá e pronto, é o que a gente tem que render. Não, existe uma estrutura por trás, existe um trabalho por trás, porque se não o pessoal que vem assistir, acho que o torcedor que gosta do futebol feminino sempre vai querer um espetáculo, mas não vai ter tudo aquilo. Porque muitos dos clubes no Brasil, eles simplesmente colocam as meninas dentro do campo e pronto. Eu acho que isso é complicado, por isso que as meninas... Eu acho que a gente é muito, muito forte, muito esperançosa por alguma coisa melhor, porque o pouco que a gente tem dentro do Brasil a gente tenta se virar e eu acho que até que a gente se vira até que muito bem, não é? Lógico, acho que sempre as pessoas sempre vão esperar algo mais do futebol feminino, principalmente agora depois que nós ganhamos, ganhamos não, mas ficamos no vice-campeonato do mundial, das próprias Olimpíadas que nós chegamos. Então hoje eu vejo que algumas pessoas, o futebol feminino deu uma estacionada, o futebol feminino hoje não chega mais, não está chegando nas finais de competições importantes, mas porque não está chegando, não é? Não está chegando porque está faltando algo, e eu acho que isso é uma coisa importante, talvez se as secretarias de esportes apoiassem, se as pessoas que realmente tem poder pra isso, talvez o futebol feminino estaria melhor hoje no Brasil, não é?

C.F. – Você acha que, se o Brasil, o Brasil nunca ganhou Copa do Mundo ou as Olimpíadas, você acha que se Brasil, futebol feminino, ganha, mudaria alguma coisa?

D.R. – Eu acho que alguma coisa mudaria, não sei responder assim, se mudaria 100%, se mudaria 80%, 70%, mas a gente sempre fala que sempre com uma medalha de ouro na mão a gente tem condições de cobrar coisas melhores, não é? Enquanto a gente não tiver isso, a gente talvez não cresça mais dentro do futebol feminino.

¹⁵ Fluminense Football Club.

C.F. – Você falou que sempre tinha apoio de seus pais, mas você, primeiro você já enfrentou preconceito no futebol, alguém que falou que não é pra você jogar? E a segunda pergunta é se ainda existe esse preconceito no futebol feminino?

D.R. – Eu assim, com certeza já enfrentei, enfrentei dentro da minha família mesmo, minha mãe meu pai me apoiavam, mas a minha vó falava o tempo inteiro no ouvido da minha mãe que não era pra deixar eu jogar futebol porque futebol era pra homem, porque futebol não era coisa pra menina. Então, dentro da minha família mesmo eu enfrentei isso, depois que eu comecei a andar dentro do futebol feminino aí a minha vó [risos] parou com isso, aí a minha vó veio: “Não, realmente é isso que ela gosta, ela está tendo um futuro nisso daí”. Então ela baixou a guarda dela, Graças a Deus. Mas a gente já enfrentou várias vezes dentro do campo mesmo, pessoas talvez que venham talvez pra arquibancada torcer e não venham com o pensamento que a gente está fazendo aquilo ali, porque é o nosso trabalho primeiramente, e segundo porque é o nosso amor. Várias pessoas já vieram torcer e gritam várias coisas pra gente, lógico, que às vezes a torcida adversária e tudo mais, mas mesmo assim, não é a mesma coisa que o masculino. A gente não tem a mesma estrutura que eles, só que o torcedor ele não quer saber disso, e a gente... Eu já enfrentei isso dentro do campo jogando com a torcida, já enfrentei na rua, o povo falando. Então a gente ainda tem algumas barreiras pra quebrar ainda dentro do futebol feminino, mas melhorou muita coisa, muita coisa, desde que eu comecei a jogar futebol evoluiu muito nessa parte do preconceito. Existe com certeza, mas já evoluiu muito.

C.F. – Por que você acha que sua vó falou isso, que não queria meninas jogando futebol?

D.R. – Ah eu acho que a minha vó tinha mais aquela coisa de antigamente aqui no Brasil, não é? Falo mais pelo Brasil assim, que antigamente a mulher ou a menina não podia jogar futebol, não podia jogar porque era coisa pra homem, que não era o certo para se fazer. Que a menina tinha que brincar de boneca, tinha que sei lá, fazer outras coisas que não era jogar futebol. Mas depois com o longo dos anos aí, o passar dos anos mesmo, eu acho que foi uns cinco, seis anos ainda, demorou bastante pra ela pra quebrar isso dela, mais uns cinco, seis anos depois que ela se deu conta que era aquilo mesmo. [RISOS]

C.F. – E eu ia perguntar sobre... Dentro do futebol feminino, a maioria das jogadoras, joga como profissão mas, por exemplo, eu sei que você começou a lavar carro, e pode falar um pouco sobre isso. Um pouco sobre, tipo, se outras jogadoras precisam outra renda para sobreviver ou se podem viver com o futebol feminino. Como começou essa ideia sua com Pri¹⁶?

D.R. – A em relação a querer algo além do futebol feminino, porque a gente tem muita dificuldade ainda aqui no Brasil. Acho que a maioria das meninas hoje se quiser trabalhar, se quiser fazer outra coisa além do futebol, porque não está dando conta. Eu falo financeiramente dentro do futebol, a maioria pode fazer isso, não que possa assim, até porque talvez o clube não vá administrar bem ou liberar as meninas pra fazer isso, mas lá em São José a gente nunca teve essa dificuldade. Mas em relação a isso, eles, eu acho que a gente poderia porque é muito complicado ainda dentro do futebol feminino se manter só com o nosso salário do futebol feminino. A não ser as meninas que tem um currículo forte, que tem um currículo bom, que são meninas da seleção brasileira, que conseguem se manter só com o salário do clube e convocações da seleção brasileira são raras, são poucas entendeu, eu vou chutar aí uma média de 50 jogadoras. O restante das meninas talvez não trabalha porque elas talvez não queiram ou por outros motivos, mas o futebol feminino, a gente se manter só pelo futebol feminino é uma coisa que é difícil. Eu falo do meu caso, eu poderia me manter só pelo futebol feminino, porque eu já venho alguns anos na seleção, isso me ajudou bastante. Já tenho quatro anos dentro do São José, mas também não é uma coisa que eu pense só em agora entendeu, quando eu abri o lava rápido e quando eu pensei em fazer outras coisas, eu junto com a Pri, nós pensamos lá na frente, não é? Que daqui a pouco eu vou parar de jogar futebol e o que eu vou fazer da minha vida? Até porque a nossa carreira do futebol, do atleta em si ela não é longa, ela é curta. Então se eu não fizer algo se eu não me planejar agora enquanto eu tenho condições, talvez quando eu parar de jogar bola eu não vou ter uma saída, eu vou ficar meio perdida. Então é a maneira que eu penso, hoje eu já estou pensando mais ainda, até porque eu já tenho trinta e um anos, então eu já estou pensando em me organizar melhor, talvez abrir um outro negócio, talvez. Eu sou formada em Educação Física, Graças a Deus, mas a gente, eu sou formada, mas eu não tenho - como eu posso falar para vocês - experiência dentro da área. Só como jogadora mesmo, mas eu não sou professora porque eu não atuei na área, então isso mais na frente

¹⁶ Priscilla Gonçalves Rossetti.

talvez eu vá encontrar dificuldade pra entrar. Por isso que hoje eu consigo ver na frente pra não passar trabalho, pra não passar dificuldade a hora que eu parar de jogar bola. Não que eu não vá ainda passar, mas pelo menos eu quero me estruturar bem para não passar tanta dificuldade a hora que eu parar de jogar bola.

N.M. - Você acha que o fato de... Porque vários jogadores viraram técnicos sem passar pela faculdade de Educação Física. Você tendo toda essa experiência, sendo capitã, tendo jogado tanto tempo, tendo ido para seleção - ainda com uma Faculdade de Educação Física - você tem essa perspectiva assim, não tão positiva assim que vá ser aceita, você acha que tem essa coisa dentro do mercado? [som de avião]

D.R. – Então é... [som de avião] Então, até um tempo atrás vou contar assim, que eu não pensava nisso, que eu não pensava em ser técnica, não pensava em trabalhar muito na área do futebol assim e principalmente do futebol feminino. Mas de um tempo pra cá, depois de tantas coisas que a gente vem vendo dentro do futebol feminino, de tantas dificuldades, de tantas coisas que eu vejo dentro hoje. Do que a gente passa, do que a gente luta e porque eu sempre prezei pelo lado correto das coisas, eu hoje eu comecei a pensar. Acho que do ano passado pra cá eu comecei a pensar um pouco mais, que talvez na hora que eu pare de jogar bola, que eu pare de jogar futebol, eu queira trabalhar dentro do futebol feminino, eu queira ajudar a modalidade. Até porque eu já tenho tantos anos dentro do esporte e eu sei, a gente na verdade, a gente que é atleta a gente sabe quais são as necessidades. O futebol feminino ele é tão simples, se as pessoas soubessem trabalhar com o futebol feminino, o futebol feminino é tão simples, tão simples que as pessoas que trabalham no meio complicam as coisas. Então eu acho que a gente como atleta, a gente sabe, principalmente as mais experientes é, poderiam entrar dentro do futebol feminino a hora que parasse e realmente a palavra é ajudar o futebol feminino. E do ano passado pra cá eu venho pensando, procurando, já venho procurando alguns cursos, pra talvez aí em um meio tempo e tentar fazer um curso pra me aprimorar. Porque não é a mesma coisa: eu sou atleta mas ser treinadora é outra coisa, a gente tem que ver o futebol de uma outra maneira. É lógico que ser atleta me ajuda a ver, enxergar algumas coisas dentro do campo, dentro da modalidade. Mas hoje eu posso falar pra vocês que eu venho pensando aí, em realmente a hora que eu parar de jogar futebol, ajudar a modalidade.

C.F. – Só queria que você falasse um pouco mais coisas específicas sobre o lava-rápido. Por exemplo, como jogadora de seleção a Pri falou pra mim que antes do jogo do São José vocês iam trabalhar, quatro horas trabalhando, aí depois vem para o jogo. Pode falar uma história assim, sobre fazendo isso.

D.R. – Sim, teve uma história engraçada, não é? Nossos treinadores em São José eles nunca, a gente nunca teve problema com eles em relação a isso, jogar e trabalhar. É... e teve uma vez que foi engraçado, porque nós trabalhamos e nós tínhamos jogo à tarde, se eu não me engano foi à tarde. E a gente avisou eles sabiam que nós iríamos trabalhar, só que a gente chegou em cima do horário, aí eles foram e deram uma bronca em nós [RISOS], que nós estávamos chegando em cima do horário que a gente teria que se cuidar um pouco mais e tudo mais. Mas é, foi engraçado na hora ali e tudo mais, mas depois a gente entendeu, não é? Por isso que depois, hoje eu não tenho mais o lava-rápido até por conta de sobrecarregar um pouco. Porque a gente estava tendo vários jogos aí então a gente teve que abrir mão, ou era o futebol ou era o lava-rápido. E aí nesse meio termo eu andei procurando outras coisas mais... Foi mais ou menos isso mesmo do lava-rápido, a gente procurou porque queria mesmo trabalhar, queria ter outra alternativa, não que eu precisasse assim, eu falo de mim, não é? A Pri é um pouco diferente o caso dela, mas o meu não, eu poderia ficar mais tranquila, mas eu estava já procurando alguma coisa mesmo pra pensar futuramente. Em relação a ser jogadora da seleção e trabalhar em um lava-rápido, ou ter um lava-rápido, ou ter qualquer outra coisa que eu vá abrir futuramente, eu acho que a gente - eu sempre quando eu fui trabalhar no lava-rápido ou quando eu quis abrir o lava-rápido - eu nunca pensei em si nisso daí, porque o futebol feminino da seleção brasileira, em relação ao feminino e ao masculino, são diferentes. Eu não posso me prender porque eu sou uma jogadora da seleção e não querer ter um negócio ou não querer trabalhar, se não a hora que eu parar eu não vou ter pra onde correr. A hora que o Neymar¹⁷ parar ele vai está com a vida dele ganha. Então é mais ou menos isso daí.

C.F. – [TRECHO INAUDÍVEL]

N.M. – Não, sobre isso não. Eu acho que... Eu queria perguntar...

C.F. – Eu falei isso porque eu acho muito forte, por exemplo, quando as outras pessoas ouvem, porque elas não sabem também a realidade do futebol feminino que falta estrutura, que não tem salário assim. E quando elas ouvem que uma jogadora de seleção que está jogando no profissional e abriu um lava-rápido para trabalhar antes do jogo eles acham absurdo, tipo uma coisa: "Nossa, mais de seleção profissional que jogou nas Olimpíadas que tem que trabalhar um dia antes do jogo". O Neymar que nunca tem o que fazer, imagina se antes do jogo o Neymar vai para lava-rápido.

D.R. – [RISOS] É com certeza. Mas são, são... a nossa estrutura é completamente diferente da seleção principal, não é? Não só a seleção, mas a nossa realidade do futebol feminino é diferente da realidade do masculino do Brasil. A gente lógico, a gente fala dos clubes grandes, mas tem clubes da Série B aí que tem uma estrutura muito boa. E a gente, a gente ainda está na luta está buscando uma coisa melhor. Então, só que se a gente parar por causa disso, a gente nunca vai chegar a lugar nenhum.

N.M. - Então, o que eu ia perguntar em relação a isso é porque você trabalha, tem todo esse esforço ainda conseguir um tempo para trabalhar fora, está pensando nisso, mas quando você vai pra seleção a exigência é a mesma do masculino, não é? Pelo menos nas Olimpíadas.

D.M.R. – Sim.

N.M. – A torcida vê e quer que ganhe da mesma forma, não é? Você acha que tem uma pressão aí talvez maior nas mulheres assim, na seleção mesmo, nesse sentido assim em comparação ao... A estrutura mesmo, ao que oferece. A pressão é a mesma, mas a estrutura é um pouco diferente, fala um pouco dessa pressão.

D.R. – Não, eu acho que assim a nossa estrutura lá dentro da CBF¹⁸ em relação ao feminino do masculino é lógico que é diferente. Mas em relação à pressão, acho que a nossa pressão, seja por nós mesmas, por a gente ter aquilo dentro de nós. De nós jogadoras de futebol feminino que a gente precisa com urgência máxima ganhar uma medalha de

¹⁷ Neymar da Silva Santos Junior.

¹⁸ Confederação Brasileira de Futebol.

ouro, entendeu? Seja em um Mundial, ou seja, em uma Olimpíada. Eu acho que isso é uma cobrança nossa mesmo, porque a gente precisa disso pra nossa modalidade, em relação a CBF essa cobrança, eles nos deixam tranquilos.

N.M. – Não, não é da CBF, eu digo da torcida, do público mesmo, dos brasileiros...

D.R. – Eu acho que hoje eles nos cobram mais. Até porque nós ganhamos, nós chegamos na semifinal do Mundial e das Olimpíadas depois estacionou. Na verdade hoje eles falam que deu uma caída, não é? Então acho que hoje a torcida cobra um pouco mais isso, porque a, sei lá... Há quatro, cinco anos atrás a gente vinha chegando, nas semifinais, nas oitavas, nas quartas, nas semifinais e hoje a gente não chegou. Já é o Mundial que teve agora o último e as Olimpíadas que nós saímos nas oitavas e nas quartas de finais. Isso querendo ou não tem um peso grande. Mas a cobrança mais é nossa mesmo, porque a gente sabe, a gente necessita com urgência de uma medalha de ouro para que a gente tenha uma esperança realmente que a modalidade venha crescer no Brasil.

C.F. – Você falou que você mesma esta pensando em depois do futebol agora. O que você acha que a maioria das outras meninas que joga já está pensando em depois do futebol, que já está planejando, estudando do lado, que elas aproveitam do patrocínio de faculdade, como que é em geral sua perspectiva?

D.R. – Eu assim, eu acho que está meio dividido; metade das meninas hoje estudam, fazem faculdade e a outra metade não estuda e nem faz outra coisa assim. O que a gente fala assim, quando a gente conversa em São José... [risos/cachorro passando] Acho que em relação a isso está meio dividido que metade das meninas hoje estuda algumas trabalham, outra metade nem estuda nem trabalha. Então está meio dividido assim, mas São José mesmo quando a gente bate um papo nós as meninas assim a gente fala da importância do estudo, de querer alguma coisa melhor para futuro. E algumas meninas dentre essa divisão aí querem trabalhar na modalidade e no esporte e outras já não. Outras, na verdade essas meninas que não gostariam de trabalhar na modalidade é mais por tudo que a modalidade passa então elas tem umas que querem enfrentar, que querem ajudar e outras já se cansaram, já estão desgastadas mesmo da modalidade. Então não querem, querem sair um

pouco disso, querer procurar rumos melhores, e acho que cada uma tem a sua escolha e a sua opção, não é?

C.F. – Então, eu tenho uma última pergunta para fazer, é sobre um momento de orgulho pra você no futebol, um momento que você tem na cabeça, um momento de orgulho.

D.R. – O Pan-americano do Rio de Janeiro. No Maracanã¹⁹, final contra os Estados Unidos, embora os Estados Unidos não tenham vindo com força máxima aqui dentro, mas a final, acho que aquela final lá marcou muito todas as meninas que estavam lá. E acho que o futebol feminino também, acho que tinha quase que 80 mil pessoas prestigiando o futebol feminino dentro do Brasil. Eu acho que eu tenho dois momentos dentro da modalidade, esse que é com a Seleção, e dentro de São José dos Campos a final da Libertadores²⁰ em 2012 também: 15 mil pessoas dentro do Martins Pereira²¹ lotado na final contra o Colo-Colo²², onde nós ganhamos Graças a Deus também. Foram dois momentos distintos assim, mas pela modalidade foram dois momentos muito importantes pra mim. Acho que ter dois estádios lotados para futebol feminino são coisas raras dentro do Brasil.

N.M. – E como que você estava se sentindo, por exemplo, em 2012, depois do jogo, saindo de campo, o que você estava sentindo na saída.

D.M.R. – Nossa, na verdade as Olimpíadas, as Olimpíadas não... O Pan-americano foi... Eu não lembro a data agora correta, mas foi no Rio de Janeiro, não foi em 2012, foi 2007... Pan-americano no Maracanã, não é? É, era uma mistura de tudo. Quando a gente entrou, perfilou ali pra entrar dentro do Maracanã, que a gente colocou o pé dentro do campo e viu aquela torcida imensa, tudo. O Maracanã todo amarelo gritando “Brasil Brasil”, acho que aquilo ali, acho que não tem coisa melhor pra um atleta. E nosso coração disparou, várias meninas começaram a chorar porque nunca tinham visto aquilo pra modalidade. E acho que a emoção ela é maravilhosa, ver uma torcida assim e para futebol feminino ainda,

¹⁹ Estádio Jornalista Mário Filho.

²⁰ Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

²¹ Estádio Municipal Doutor Mário Martins Pereira.

²² Club Social y Deportivo Colo-Colo.

é orgulho mesmo. Gostaria muito que tivesse mais, quem sabe ai nas Olimpíadas em 2016. Vamos trabalhar pra isso!

[FINAL DA ENTREVISTA]